SETI
PTG
Fl.: 06
Rubrica

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

PROGRAMA UNIVERSIDADE SEM FRONTEIRAS - **USF**
UNIDADE GESTORA DO FUNDO PARANÁ – **UGF**

1. ÁREA PRIORITÁRIA

Selecione **uma** das áreas listadas, entre aquelas aprovadas pelo CCT – PARANÁ, na qual o projeto se enquadre, acessando o link : http://www.seti.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=15 e informe abaixo:

Área Prioritária:

1.1 Subprogramas USF
Subprograma; Agricultura familiar e agroecologia

2. TÍTULO DO PROJETO

Fomento a sistemas agroecológicos para inclusão tecnológica, produtiva e mercantil de mulheres camponesas

3. VALOR TOTAL DOS RECURSOS SOLICITADOS AO FUNDO PARANÁ		
Outras despesas de CUSTEIO	INVESTIMENTOS	Total
R$ 82.500,00	**R$**	**R$82.500,00**

4. ESTIMATIVA DE PRAZOS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO
Duração: (x) 12 meses ( ) 24 meses ( ) 36 meses
Início: A partir da data da assinatura do Termo Jurídico.

5. INSTITUIÇÃO PROPONENTE

Instituição: UEL – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
CNPJ: 78.640.489/0001-53
Natureza Jurídica: Autarquia Pública Estadual
Endereço: Rodovia Celso Garcia Cid, PR 445, Km 380 – Campus Universitário – CX Postal 6001
CEP: 86057-350
Cidade/Estado: Londrina - PR
Telefone e Fax: (43) 3371-4000 / (43) 3228-4440
e_mail: webadmin@uel.br; reitoria@uel.br

6. REPRESENTANTE LEGAL DA INSTITUIÇÃO PROPONENTE

Nome: BERENICE QUINZANI JORDÃO
Cédula de Identidade (Instituto/Estado da Federação): 6070116-X-SSP-SP
CPF: 364.796.169-87
Endereço residencial: Rua Deputado Fernando Ferrari, nº 523 – Apto 08
CEP: 86062-030
Cidade/Estado: Londrina - PR
Telefone residencial: (43)3327-5688
e_mail particular: reitoria@uel.br; berejordao@uel.br

SETI PTG Fl.: 8 Rubrica

7. COORDENADOR TÉCNICO/CIENTÍFICO DO PROJETO

Nome: Eliane Tomiasi Paulino
Cédula de Identidade (Instituto/Estado da Federação): 8.396.769-2
CPF: 062.015.218-44
Formação profissional: Geógrafa
Titulação (graduação e pós-graduação): Doutorado em Geografia - Pós Doutorado em Desenvolvimento Territorial
Telefone(s), celular e Fax: Fone (43) 3371-4246 Celular: (43) 9992-9044
Endereço residencial: Rua Governador Valadares, 110, Jardim Andrade
CEP: 86.061-150
Cidade/Estado: Londrina/PR
e_mail: eliane.tomiasi@uel.br

8. ENGENHEIRO CIVIL RESPONSÁVEL PELA OBRA

(Caso seja previsto no projeto execução da obra e/ou reforma)

Instituição:
Nome do Engenheiro Civil:
CREA:
CPF:
Formação profissional:
Titulação (graduação e pós-graduação):
Telefone(s), celular e Fax:
Endereço residencial:
CEP:
Cidade/Estado:
e_mail:

9. RESPONSÁVEL ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO DO PROJETO

Nome: GILBERTO HILDEBRANDO
Carteira de Identidade (Instituto/Estado da Federação): 3.620.761-2-PR
CPF: 499.566.719-91
Formação profissional: Técnico em Assuntos Universitários
Titulação (graduação e pós-graduação): História / Mestrado
Telefone(s), celular e Fax: (43) 3342-3579
Rua: João Gonçalves de Souza nº 44 – Conjunto Cafeza III
CEP: 86045-690
Cidade/Estado: Londrina - PR
e_mail: gilberto@uel.br

10. RESPONSÁVEL PELO CONTROLE INTERNO DO ÓRGÃO (Quando for o caso)

Nome:
Cédula de Identidade (Instituto/Estado da Federação):
CPF:
Formação profissional:
Titulação (graduação e pós-graduação):
Telefone(s), celular e Fax:
Endereço residencial:
CEP:
Cidade/Estado:
e_mail:

SETI
PTC
Fl.: 08
Rúbrica

IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PARCEIRA DO PROJETO

(Criar mais quadros, se necessário)

Não há

11. INSTITUIÇÃO PARCEIRA
Sigla/denominação: CNPJ: Natureza Jurídica: Endereço Comercial: CEP: Cidade/Estado: Telefone e Fax: e_mail:
11.1 REPRESENTANTE LEGAL DA INSTITUIÇÃO PARCEIRA
Nome: Cédula de Identidade (Instituto/Estado da Federação): CPF: Formação profissional: Titulação (graduação e pós-graduação): Telefone(s), celular e Fax: Endereço residencial: CEP: Cidade/Estado: e_mail:

PTG
Fl.: 09
Rubrica

12. Equipe do projeto (recursos humanos)

Nº	Nome	Instituição	Formação	Função no projeto	e_mail	Telefone (fixo e celular)
1	Eliane Tomiasi Paulino	UEL	Doutora em Geografia	Coordenadora-autora	eliane.tomiasi@uel.br	(43) 3371-4246 9992-9044
2	Rosangela Maria Pinto Moreira	UEL	Doutora em Agrônomia	Orientadora	rosang@uel.br	(43) 3371-4417 9955-1615
3	Josué Maldonado Ferreira	UEL	Doutor em Agrônomia	Orientador voluntário	josuemf@uel.br	(43) 3371-4417 3328-7491
4	Estevan Leopoldo de Freitas Coca	UEL	Doutor em Geografia	Orientador voluntário	estevanleopoldo@yahoo.com.br	(43) 3371-4246 9961-2074
5	A ser selecionado (1)	xxv	Tecnólogo em agroecologia	Bolsista - Recém-formado de nível superior	xxx	xxxx
6	A ser selecionado (2)	xxx	Graduação em Geografia	Estudante bolsista	xxx	xxxx
7	A ser selecionado (2)	xxx	Graduação em agronomia	Estudante bolsista	xxx	xxx
8	Silas Rafael da Fonseca	UEL	Doutorando em Geografia	Estudante voluntário	silasfonseca2@gmail.com	(42) 9807-8216 (43) 3371-4157
9	Marielle de Oliveira Silva	UEL	Doutoranda em Geografia	Estudante voluntário	mosgeolice@gmail.com	(67) 9870-9386 (43) 3371-4157
10	Marco Aurélio da Silva Arlindo	UEL	Doutorando em Geografia	Estudante voluntário	m.marcoaurelio@gmail.com	(18) 99118-6070 (43) 3371-4157
11	Thiago da Silva Melo	UEL	Mestrando em Geografia	Estudante voluntário	melo.thiagodasilva@gmail.com	(67) 9855-2025 (43) 3371-4157
12	Pedro Henrique Silveira Brum	UEL	Mestrando em Geografia	Estudante voluntário	brum.pedrohs@gmail.com	(43) 3304-5305 3371-4157
13	Denilson Manfrin Goes	UEL	Graduação em Geografia	Estudante voluntário	denilsongoes@uol.com.br	(43) 9962-6665 3371-4157
14	Alene Mariana Silva de Godoy	UEL	Graduação em Geografia	Estudante voluntário	alenegodoy@gmail.com	(43) 9626-4540 3371-4157
15	Ariel Pereira da Silva Oliveira	UEL	Graduação em Geografia	Estudante voluntário	aripso543@gmail.com	(43) 8834-0726 3371-4157
16	Felipe Dias dos Santos	UEL	Graduação em Geografia	Estudante voluntário	felipesantosdias9@gmail.com	(43) 9919-4767 3371-4157

13. Descrição do Projeto.

13.1 PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

O presente projeto tem por objetivo ampliar as ações de cunho extensionista envolvendo comunidades camponesas no município de Londrina a partir de duas frentes:

1- geração de renda para grupos de mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica mediante a produção e a comercialização de alimentos frescos de escala de quintal;

2- produção, conservação e melhoramento genético de sementes próprias.

Essa proposição está respaldada na experiência que a equipe reúne no trabalho de extensão com camponeses paranaenses há 17 anos mas que, nesse interim, focou a unidade familiar agrícola como um todo. Doravante almeja-se um direcionamento particular: as mulheres do campo. Ao longo desse tempo, a abordagem segundo a unidade familiar como um todo avançou, tendo sido amplamente favorecida pelo contexto político impar da última década, momento em que foram

implementadas políticas públicas de fortalecimento da agricultura camponesa, combinando-se crédito de fomento à produção e criação de mercados institucionais. Com isso, vários membros dessas comunidades incrementaram a produção e a organização da comercialização, escapando da intermediação vampiresca dos tradicionais atravessadores que se colocam entre os camponeses e os consumidores finais.

Entrementes, a filosofia de atuar com vistas à promoção da plena autonomia dos sujeitos do campo, tão logo os conhecimentos técnicos sejam convertidos em tecnologias sociais, recoloca permanentemente a necessidade de transbordamento geográfico das ações, bem como os segmentos menos alcançados pelas políticas e, ao mesmo tempo, mais carentes de intervenção extensionista.

Disso emana a proposta de uma atuação focada em mulheres, tendo em vista a tradição patriarcal que conserva profundas raízes no campo e que, frequentemente, as torna órfãs da autonomia que somente o controle sobre as receitas monetárias da unidade produtiva familiar pode promover.

Conforme ensina Woortman (1995), a esfera da comercialização da produção camponesa compete ao pai da família, posição que, em regra, o torna o gestor financeiro da unidade camponesa. Com isso, independentemente de quão decisivo tenha sido o trabalho da esposa e dos filhos para a geração da renda bruta interna, lhes falta autonomia para dispor livremente de uma fração da pecúnia auferida, fato aliás identificado por Costa (2010) em locais de atuação extensionista da equipe em questão.

É precisamente essa lacuna que o projeto busca atenuar, mediante a potencialização de organização da produção e comercialização da produção que Woortman (1995) denomina de quintal, aquela que compete às mulheres e é tomada como desprezível para a manutenção da família, porque não inserida no cômputo monetário da renda majoritariamente advindo da grandeza escalar da atividade comercial predominante.

A literatura sobre gênero e campesinato tem dado evidências de que atividades potencializadoras de renda miúda, quando a cargo das mães, tem impactos positivos incomparáveis na perpetuação da agricultura camponesa. Dessas fontes costumam vir as receitas que incrementam a qualidade de vida da família, porque se traduzem na aquisição de bens e serviços que fazem a diferença para o bem estar comum, inclusive dos jovens e crianças, coisas que tendem escapar ao universo masculino, cuja ordem de prioridades dificilmente contempla minúcias do cotidiano familiar. Não por acaso, o teórico do campesinato moderno (SHANIN, 2008) considera estar nas mãos da mãe da família a decisão de ficar na terra ou partir para a cidade.

Se por um lado, o incremento de renda sob a perspectiva do empoderamento feminino pode ser uma alternativa ao empobrecimento no campo que penaliza desproporcionalmente mulheres e, por extensão, crianças (CAMPOS, 2011), isso não é suficiente para assegurar a reprodução do campesinato em condições de dignidade e progresso social, razão pela qual esse projeto de extensão preconiza uma ação complementar aos domínios de quintal, contemplando a unidade produtiva como um todo, onde o foco é a família. Eis o sentido da ação envolvendo a produção, conservação e melhoramento genético de sementes próprias.

Tal junção justifica-se pelo fato de que em condições de agricultura camponesa, em que se combinam trabalho familiar, diversificação e pouca terra, a produção de sementes próprias, desde que observados critérios científicos, não só é oportuna, em vista de proporcionar maior grau de autonomia em relação ao mercado, como também é economicamente atraente, quando computados os custos de produção e os resultados da colheita, situação já aferida nas áreas de atuação da equipe, conforme se poderá verificar em Paulino, Maldonado e Moreira (2012).

São justamente essas potencialidades que buscamos aliar às ações anteriormente descritas, partindo-se de um parâmetro de trabalho participativo da família que seja livremente emanado da experiência levada a cabo pelas mulheres. Em vista das diferenças em termos de constituição familiar, das condições materiais de reprodução e dos objetivos mercantis que as movem é que se delinearão as ações nesse sentido, respeitando-se suas particularidades e as condições objetivas impostas pelo tempo de duração desse projeto de extensão.

A ação envolvendo as sementes busca proporcionar todas as condições para a conversão de mera cultivadora a agricultora experimentadora, pois as camponesas e, eventualmente camponeses que a elas se juntarem, serão capacitados para acompanhar, identificar e registrar todas as respostas biológicas das plantas, parâmetros que ajudarão a fazer as escolhas das variedades que serão multiplicadas em campos de sementes, para posterior utilização nos cultivos.

Essa aproximação com a ciência acaba por proporcionar a apropriação de conhecimentos técnicos que passam a valer nos ciclos posteriores de multiplicação e melhoramento genético, momento de constatar que se pode fazer o mesmo que poderosas empresas: produzir sementes competitivas, pelas quais nada terão a pagar.

Enfim, ao promover a convergência entre saber científico e saber camponês, busca-se um passo adiante na luta pela sustentabilidade, a qual não se limita ao ambiente, ainda que neste aspecto as potencialidades do trabalho sejam inumeráveis, já que além de se caminhar em sentido inverso ao das sementes comerciais, em termos de demandas agroquímicas, se conserva variedades adaptadas ao local, mitigando os efeitos da erosão genética que o paradigma tecnificado impõe.

A isso soma-se a sustentabilidade econômica, traduzível em renda, já que deixam de utilizar recursos monetários para a compra de sementes, ao mesmo tempo em que, paralelamente aos ciclos de melhoramento genético, podem conquistar aumentos relevantes de produção. Por fim, presume-se haver conquistas no plano identitário-social, pois além do empoderamento que advém da apreensão de conhecimentos técnicos dantes inatingíveis, por se tratar de um trabalho participativo, os laços familiares e comunitários são reforçados, pela própria convivência que as tarefas comuns impõem.

Embora a proposta inicial seja o trabalho de capacitação para a produção e melhoramento genético de sementes de milho verde, os princípios técnicos são comuns a outras espécies, guardadas algumas especificidades. Com isso, busca-se a compatibilização com os sistemas familiares de produção e com os recursos disponíveis nas propriedades, ao mesmo tempo em que se procura resgatar conhecimentos, tradições e habilidades parcial ou totalmente perdidas após o surgimento das empresas que tendem ao controle progressivo das sementes.

Trata-se, pois, de uma proposta que não representa uma volta ao passado, mas uma junção entre o saber popular e o conhecimento técnico e científico atual, para que as agricultoras, ao invés de seguirem como meros consumidoras de mercadorias pré-produção, possam resgatar a autonomia que passa, necessariamente, pelo controle das sementes que cultivam.

Ferreira, Hidalgo e Moreira (2009), ao analisarem o impacto do projeto em cultivares de milho, concluíram que em situações de agricultura familiar em domínios de clima tropical e subtropical, os espécimes híbridos não conseguem expressar todo o seu potencial produtivo, razão pela qual as variedades se apresentam como alternativas competitivas. Assim, a identificação

de variedades com elevado desempenho em sistemas de agricultura familiar e o melhoramento genético participativo destas são promissores, pois permitem aprimorar caracteres agronômicos desejáveis e, às agricultoras, produzir suas próprias sementes, sem depender de altas tecnologias e insumos em profusão. Por sua vez, é a escala de quintal que impõe o foco no trabalho com variedades melhor adaptadas à comercialização do milho verde, cujo valor agregado é incomparável à modalidade grãos secos, em que a competitividade advém do volume de produção que não é de interesse das mulheres implementar.
Cremos, assim, que as ações de melhoramento genético de sementes representam uma importante contribuição à agricultura camponesa e complementam a proposta do trabalho com gênero, abrindo a possibilidade de envolvimento mais amplo da comunidade, sem sacrificar especificidades que, não raro, ocorrem até mesmo nas intervenções de cunho extensionista.
Por fim, cabe mencionar a expectativa de que a proposta repercuta similarmente ao que fora verificado por Almeida (2015), resultando no aumento da diversificação da cesta de consumo de alimentos frescos pelas famílias camponesas, decorrência natural da necessidade de suprir as sacolas com variedade. Não menos importante será o resultado dentre as famílias dos apoiadores em termos de qualidade da alimentação, uma vez que o acesso semanal a alimentos frescos, sem veneno e de época repercutirá no incremento de consumo destes em detrimento de alimentos processados e nutricionalmente inadequados, decorrência natural do abastecimento regular e diversificado e consequente necessidade de consumi-lo no intervalo de uma semana.

13.2 OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Objetivo geral
Fortalecer procedimentos produtivos e ações organizativas capazes de culminar em empoderamento de mulheres camponesas, num primeiro plano, e de suas famílias, por extensão..

Objetivos Específicos
1. Identificar realidades, possibilidades e potencialidades de envolvimento das agricultoras e agricultores na proposta de produção de alimentos frescos e conservação de sementes próprias, contribuindo também para conservação da biodiversidade agrícola;
2. identificar o potencial agronômico de variedades comerciais e crioulas para sistemas de agricultura familiar, visando cultivares mais adaptadas para uso e produção de sementes próprias.
3. propor a produção de alimentos e a conservação de sementes próprias de forma participativa;
4. promover a formação de agricultoras experimentadoras, com capacidade de avaliar e testar as alternativas tecnológicas que melhor se ajustem à suas realidades;
5. auxiliar no fortalecimento da organização de grupos de mulheres envolvidas com a produção de verduras, legumes, raízes e frutas em regime de policultura e escala de quintal;
6. disseminar entre as agricultoras e os agricultores das comunidades, técnicas de manejo de sistemas produtivos fundadas em bases agroecológicas;
7. mediar a constituição de mercados solidários para a inserção da produção das mulheres camponesas a partir da experiência das sacolas camponesas da UEL;
8. consolidar a articulação interdisciplinar no âmbito da extensão universitária para o enfrentamento de desafios oriundos do trabalho com os sujeitos do campo;
9. proporcionar aos estudantes de graduação e de pós graduação formação abrangente, fundada na articulação entre teoria e prática e, ao mesmo tempo, capacitar profissionais recém formados para melhor atuar junto à agricultura camponesa;
10. publicizar os interstícios, as limitações e as potencialidades do trabalho em questão, correlacionando-as com o contexto mais amplo em que se problematiza os impasses e as perspectivas para a recriação do campesinato, partindo da abordagem de gênero.

13.3 PUBLICO ALVO

Embora a escolha da área de atuação recaia sobre Londrina, município fora da área prioritária em vista dos satisfatórios níveis de IDH, as comunidades alvo do projeto estão marcadas por elevado grau de vulnerabilidade social, senão vejamos:
A primeira envolve 512 famílias recém instaladas na terra, depois de um tempo médio de 12 anos de permanência em acampamentos e no pré assentamento, situação que erodiu ao limite seu patrimônio familiar e pecúnia solvável. Pertencem ao Assentamento Eli Vive, que está geograficamente identificado por complexo Guairacá, sendo delimitado pela divisa com o município de Tamarana, ao sul, e pelo Rio Taquara, que delimita as fronteiras dos distritos de Guaravera, Lerrovile e Guairacá. O assentamento está dividido em duas áreas descontínuas, o Eli Vive I, situado na antiga Fazenda Guairacá e o Eli Vive II, situado na Fazenda Pininga. Embora tenha sido constituído em 2014, a liberação dos lotes se deu sem que a infraestrutura que deveria acompanhar a constituição do assentamento estivesse concluída.
Atualmente, aproximadamente 30% das estradas internas projetadas ainda estão por ser abertas e muitas famílias ainda não dispõem de energia elétrica, sem falar no problema das habitações, já que esse recurso até o momento não foi liberado, sendo comum moradias precárias e improvisos de diversas ordens, incluindo-se a escola construída com restos de tábua e outros materiais, na qual estudam nada menos que 400 crianças. O acesso aos bens e serviços não é dos mais fáceis, em vista da precária conservação da única estrada de terra que promove a sua ligação com Lerrovile e a baixa frequência de transporte coletivo, que se resume a quatro horários em dias úteis, desde que não chova em profusão.
Neste assentamento a equipe em questão implantou o projeto piloto de mercado solidário envolvendo apoiadores da Universidade Estadual de Londrina e produtoras de alimentos organizadas em três grupos de 10 mulheres cada, assim denominadas: Mulheres Primavera, Plantando a Semente do Amanhã e Plantando o Futuro. São essas mulheres que cultivam os alimentos das sacolas camponesas anteriormente mencionadas.
Trata-se de um trabalho inspirado em Almeida (2015) e que consiste na identificação de parceiros apoiadores que, uma vez integrados ao projeto, assumem o compromisso de adquirir uma sacola semanal de alimentos frescos e livres de veneno, divididos entre verduras, legumes, tubérculos, frutas e temperos, a um preço fixo compatível com o dos convencionais

comercializados em feiras e supermercados locais. São disponibilizados sete itens em quantidade estimada em consumo de uma família de 3 a 4 pessoas, obedecendo-se a sazonalidade segundo o calendário agrícola e a viabilidade econômica às mulheres, cuidando-se para que não haja utilização de embalagens.

Se por um lado a mediação com os parceiros não se apresenta como obstáculo relevante para a equipe em questão, pela proximidade, o mesmo não pode ser dito em relação à sua presença junto às mulheres camponesas: tem sido impossível prestar-lhes apoio técnico nas ações produtivas e organizativas, sem falar na demanda reprimida no assentamento, em vista do número de mulheres dispostas a ingressar no projeto, mas por ora interditada pelas limitações de ambos os lados, situação que esta proposição busca suplantar.

A segunda comunidade que se quer atingir vive no Oitenta Alqueires, reconhecido com um dos bairros rurais mais empobrecidos de Londrina, dada a pequena extensão dos sítios das poucas famílias que resistiram ao isolamento e a uma série de privações cotidianas. Esse é um dos bairros onde se inicou o projeto de sementes próprias em 2006, tendo sido contemplado em 2015 pelo Programa Minha Casa Minha Vida Rural. O acesso a moradias dignas trouxe novo estímulo à permanência das famílias na terra, o que não é suficiente, pois do ponto de vista da renda, as dificuldades são enormes. Trata-se da primeira comunidade em que a equipe tentou viabilizar o projeto das sacolas camponesas, sem sucesso, em vista de vários obstáculos, dentre eles os limites de transporte: um velho fusca era com o que podiam contar na ocasião. No ato de constituição do projeto no Eli Vive, ficou acordado que tão logo ele se consolide, essa comunidade será integrada complementarmente, pois a distância que os separa permitiria a constituição de uma logística para compartilhar o suprimento das sacolas camponesas com parte dos produtos menos volumosos, encarregando-se as primeiras do transporte até Londrina.

13.4 METODOLOGIA PARA EXECUÇÃO DO PROJETO

Embora as ações extensionistas aqui previstas sejam indivisíveis, para melhor clareza da proposta optou-se por apresentá-las a partir dos dois desafios colocados para o projeto, aqueles relacionados ao plano da produção e os que se definem no plano da comercialização.

No âmbito da produção, as primeiras ações envolvem visitas e reuniões para que a proposta seja debatida coletivamente, a fim de que qualquer adesão seja resultado de uma decisão autônoma das mulheres e suas famílias. Este contato é fundamental para que se possa adequar procedimentos participativos como forma de alcançar os objetivos com as produtoras.

O passo seguinte é a realização de encontros em instalações de uso comunitário ou onde se possa reunir a todos para fins de capacitação para embasamento teórico/prático, das metodologias participativas de trabalho de produção de biofertilizantes e controle de pragas e doenças, bem como de organização interna.

Fazer o levantamento das cultivares de posse e as utilizadas pelas agricultoras e agricultores é outro procedimento indispensável, como forma de avaliar o potencial para produção de quintal e de roça, quando viável. Se for necessário para o sucesso da atividade, serão introduzidas novas cultivares, buscando-as em outras comunidades ou instituições, não sem dar preferência a variedades locais.

Orientar a produção de alimentos constitui-se um procedimento ininterrupto, daí a proposta de acompanhamento da produção semanalmente ou quinzenalmente, conforme a necessidade das agricultoras. Tudo isso se dará em meio às atividades de capacitação dos alunos, respeitadas as demandas das respectivas atuações no projeto.

No plano da comercialização, que se constitui no principal gargalo da produção camponesa, a ação extensionista contemplará apenas as mulheres, cuja escala de produção não só é compatível com a capacidade de mediação da equipe, quanto do propósito de favorecer a sua autonomia. Nesses termos, visa-se constituir uma rede nos moldes de Community Supported Agriculture (Agricultura Apoiada pela Comunidade - CSA), por meio da qual os proponentes serão mediadores não remunerados de um processo de aproximação entre as produtoras e os consumidores de alimentos, eliminando a figura do intermediário (FODOR, 2011).

O sistema CSA tem sido implementado em diversos países, especialmente no Hemisfério Norte, e consiste num mecanismo de comercialização que foge do modelo convencional por valorizar fatores como a origem local dos produtos, sua sazonalidade e a adoção de princípios orgânicos/agroecológicos (FEAGAN, 2007; SAGE, 2013). Com isso, ao mesmo tempo em que é criada uma oportunidade de mercado para um grupo de agricultoras locais, também são ofertados alimentos frescos e saudáveis para os consumidores vinculados a essa iniciativa. Ou seja, tal ação propõe a re-espacialização do alimento, obedecendo a determinantes éticos, sociais e ambientais (SONNINO, 2010).

Tendo por referência o trabalho de Bruch e Ernst (2010), levaremos em consideração os seguintes elementos na composição da rede de CSA: i) definição prévia dos alimentos que serão disponibilizados; ii) possibilidade de modificar as sacolas camponesas em havendo impossibilidade de cumprir com o que foi pré-acordado; iii) supressão de empacotamento dos alimentos; iv) transporte e entrega dos produtos; v) preços a serem aplicados; vi) políticas de pagamento; vii) contratos de inserção dos membros e; viii) mecanismos de avaliação.

Nesses termos, a equipe em questão será mediadora entre os grupos de mulheres agricultoras do assentamento Eli Vive e, posteriormente, do Bairro Oitenta Alqueires, e o grupo de apoiadores previamente cadastrados. As agricultoras fornecerão semanalmente para cada um deles uma sacola contendo alimentos diversificados e in natura, como verduras, legumes, raízes e frutas. Serão disponibilizadas sacolas de feira retornáveis para cada um dos apoiadores, onde os produtos serão transportados do assentamento até o local de entrega e dali até as residências. A ideia é suprimir o empacotamento, banindo-se o uso de embalagens geradoras de custos e de resíduos ao mesmo tempo. Cada apoiador contribuirá com uma quantia semanal previamente acordada entre as partes, a ser quitada através de depósito na conta-bancária da associação de mulheres.

Vale ressaltar que o fim último do projeto de extensão é contribuir para que, através dessa iniciativa, as mulheres participantes criem uma estrutura produtiva e organizativa que lhes possibilite acessar outros canais para a comercialização dos seus produtos.

Para atingir tal objetivo, serão realizadas reuniões de avaliação frequentes tanto com as agricultoras quanto com os apoiadores. Nessas oportunidades, serão discutidas questões como a variedade e a qualidade dos alimentos que têm sido entregues, a periodicidade, os valores pagos e as implicações da iniciativa para os que estão na terra.

13.5 PRODUTOS/SERVIÇOS ESPERADOS

1- Sementes próprias com melhor potencial genético e maior adaptabilidade ecossistêmica local;
2- Canais de comercialização solidária.

13.6 CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA E DE INOVAÇÃO

A execução do projeto deverá culminar em contribuições científicas de duas ordens:

A primeira diz respeito a publicização de resultados de uma experiência que vem de encontro aos anseios não apenas dos camponeses, historicamente preteridos nas políticas públicas e demais ações de maior envergadura, mas da própria sociedade civil organizada, ávida por parâmetros para se posicionar ante os paradigmas atualmente em disputa: o da pequena produção, fundada em práticas agroecológicas e geração de renda e o da produção altamente tecnificada, fundada em monoculturas e concentração de capitais. Em se tratando de uma iniciativa que privilegia diretamente as mulheres camponesas e, indiretamente, a família camponesa como um todo, cremos no diferencial da experiência a ser publicizada.

A sistematização cuidadosa do que aqui podemos chamar de resultados da ação prática poderá, assim, se constituir em referência para a tomada de decisões tanto por outras comunidades quanto por apoiadores da sociedade civil acerca da viabilidade, ou não, da iniciativa baseada no sistema de Agricultura Apoiada pela Comunidade - CSA, juntamente com a

produção própria de sementes, já que somente a análise criteriosa de todas as variáveis elencadas poderá dizê-lo com mais segurança do que até o momento, em que temos sido movidos pelas constatações positivas dos que estão envolvidos com a proposta, porém sem sistematizações criteriosamente coadunadas.
A segunda diz respeito ao aprofundamento dos referenciais teóricos que têm norteado os estudos agrários envolvendo o campesinato, uma vez que a investigação sobre os desdobramentos socioterritoriais de tais iniciativas pressupõe a mobilização e, com isso, a vivificação de categorias e conceitos capazes de iluminar a análise do elo aglutinador da prática em questão: a autonomia feminina ante a lógica inerente à terra de trabalho. Seu desdobramento prático poderá ser verificado no aprimoramento do arcabouço teórico-conceitual mobilizado para as orientações de mestrado, doutorado e de iniciação científica, no caso dos docentes, e na produção acadêmica e prática profissional dos demais membros da equipe.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. A. **Dinamizando a agricultura camponesa e o consumo agroecológico em Três Lagoas/MS**. Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 7. Goiânia: UFG, 2015. v. 1. p. 5655-5667.
ALTIERI, M. A. **Agroecology For Food Sovereignty**. New York: Perseus Books, 2009.
_____. **Biotecnologia agrícola**: mitos, riscos ambientais e alternativas. Petrópolis: Vozes, 2004.
ANTUNES, R.; SILVA, M. A. M.. **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
ATLIN, G.N.; COOPER, M.; BJORNSTAD, A. **A comparison of formal and participatory breeding approaches using selection theory**. Euphytica, v.122, n.3, p.463-475, 2001.
BARTRA, A. **Elogio de la diversidad**: globalización, multiculturalismo y etnofagia. 2ª. ed. México: Siglo XXI Editores, 2007.
BONOMO, P. et al. Comparação entre ganhos preditos e realizados na produção de grãos da população de milho Palha Roxa. **Revista Ceres**, v.47, n.272, p.383-392, 2000.
BRUCH, M.; ERNST, M. **A farmer's guide to marketing through Community Supported Agriculture (CSAs)**. Knoxville: University of Tennessee, 2010.
CACENA, A. E. (Org.). **Hegemonias e emancipações no século XXI**. São Paulo: Clacso, 2005.
CAMARGO, L. H. R. **A ruptura do meio ambiente**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2008
CAMOLESI, M.R. **Parâmetros genéticos obtidos com progênies de meio-irmãos de duas variedades de milho crioulo em sistemas de agricultura familiar**. 2002. Dissertação (Mestrado em Biologia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
CAMPOS, C. S.Soares. **A face feminina da pobreza em meio a riqueza do agronegócio**: trabalho e pobreza das mulheres em territórios do agronegócio no Brasil. Buenos Aires: CLACSO, 2011
CECCARELLI, S. Adaptation to low/high input cultivation. Euphytica, v.92, p.203-214, 1996.
CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.
COSTA, F.L.M. **Dinâmica socioeconômica e a juventude do Assentamento Florestan Fernandes**. Dissertação (Mestrado em Agronomia), Universidade Estadual de Londrina, 2010..
FALCADE, I.; MEDEIROS, R. M. V. (Orgs). **Tradição versus tecnologia**: As novas territorialidades do espaço agrário brasileiro. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
FEAGAN, R. The place of food: mapping out the "local" in local food systems. **Progress in Human Geography**, Manchester, v. 31, n. 1, p. 23–42, 2007.
FERREIRA, J. M. ; HIDALGO, J. A. F.; MOREIRA, R. M. P. Capacidade combinatória e heterose em populações de milho crioulo. **Ciência Rural**, v. 39, p. 332-339, 2009.
FODOR, Z. **People systems in support of food systems:** the neighborhood food justice network movement in Vancouver, British Columbia. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes e Planejamento). University of British Columbia, Vancouver.
GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
GRAMMONT, H. C. (Comp.) **La construccion de la democracia en el campo latinoamericano**. Buenos Aires: Clacso, 2006.
GUTERRES, I. (Org.) **Agroecologia militante**. São Paulo: Expressão Popular, 2006
GUZMAN, E. S.; MOLINA, M.G. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
HARVEY, D. **Neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008.
KAUTSKY, K. **A questão agrária**. 3. ed. São Paulo: Proposta, 1980.
KHATOUNIAN, C. A. **A reconstrução ecológica da agricultura**. Botucatu: Agroecologia, 2001.
KOHLHEPP, G.. Mudanças estruturais na agropecuária e mobilidade da população rural do Paraná. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, p. 79-94, abr-jun. 1991.
LOVATO, P. E.; SCHMIDT, W. **Agroecologia e sustentabilidade no meio rural.** Porto Alegre: Argos, 2006.
MACHADO, A. T. Histórico do melhoramento genético realizado pelas instituições públicas e privadas no Brasil: um enfoque crítico. In: SOARES, A.C.; MACHADO, A.T.; SILVA, B. de M.; WEID, J.M. von Der (Orgs.). **Milho Crioulo**: conservação e uso da biodiversidade. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1998. p. 32-38.
MENEGUETTI, G.A.; GIRARDI, J.L.; REGINATTO, J.C. Milho crioulo: tecnologia viável e sustentável. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.1, 2002.
MOREIRA, R. M.; CARMO, M. S. Agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. **Agricultura**, São Paulo, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 37-56, jul./dez. 2004.
MOTTA, M.; ZARTH, P. **Formas de Resistência camponesa**: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história. v.1. São Paulo, UNESP, 2008.
NEVES, D. P. **Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil**. v. 2. São Paulo, UNESP, 2009.
OLIVEIRA, A. U.. Barbárie e modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil. **Terra Livre**, ano 19, v. 2, n. 21, p. 113-156, jul/dez. 2003.
OLIVEIRA, A. U.; MARQUES, M. I. M. (Org.). **O campo no século XXI**: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa amarela, 2004.
PARANÁ. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Indicadores analíticos**. Disponível em: <www.ipardes.gov.br>.
PARANÁ. Secretaria de Agricultura e Abastecimento. **Banco de Dados**. Disponível em: <www.seab.pr.gov.br>.

SEI/PTG
Rubrica

PATERNIANI, E.; NASS, L.L.; SANTOS, M.X. O valor dos recursos genéticos de milho para o Brasil: uma abordagem histórica da utilização do germoplasma. In: UDRY, C.W; DUARTE, W. (Org.) **Uma história brasileira do milho**: o valor dos recursos genéticos. Brasília: Paralelo 15, 2000. p.11-41.
PAULINO, E.T. **Por uma geografia dos camponeses**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2012.
5. PAULINO, E.T.; FERREIRA, J.M.; MOREIRA, R.M.P. A relação custo-benefício na estratégia camponesa de produção de sementes próprias. **Revista da Anpege**, v.8, p.61-72, 2012.
PLOEG, J. V. D. **Camponeses e Impérios Alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da Globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
PORTO GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2006.
PINTO, Á. V. **O conceito de tecnologia**. São Paulo: Contraponto, 2006.
RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
SABOURIN, E. **Camponeses do Brasil**. São Paulo: Garamond, 2009.
SAGE, C. **Environment and food.** New York: Routledge, 2012.
SANTOS, M. **Economia Espacial**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
SAQUET, M. A.; Spósito, E. S. **Território e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
SHANIN, T. Lições camponesas. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p.23-48.
SONNINO, R. Escaping the local trap : insights on re- localization from school food reform escaping the local trap: insights on re-localization from. **Journal of Environmental Policy & Planning**, Wageningen, v. 12, n. July 2011, p. 37–41, 2010.
SOUSA SANTOS, B. **A crítica da razão indolente**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
TARDIN, J. M. et al. A semente que caiu em terra boa: a trajetória de um movimento social em defesa da agrobiodiversidade. **Revista Agriculturas**: experiências em Agroecologia, Brasil, v. 1, n. 1, p. 44-47, 2004.
TEDESCO, J. C. **Agrodiversidade, agroecologia e agricultura**. Florianópolis: UPF, 2006.
WOORTMANN, E. F. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo: Hucitec, 1995.
WOORTMANN, E. F.; WOORTMANN, K. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: UNB, 1997.
WOORTMANN, K. Com parente não se neguceia: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico 87**, Brasília, ano 3, p.11-73, 1990.
ZAMBERLAM, J.; FRONCHETI, A. **Agricultura Ecológica**: preservação do pequeno agricultor e do meio ambiente. Petrópolis: Vozes, 2001.

13.7 CONTRAPARTIDA NÃO FINANCEIRA DA INSTITUIÇÃO PROPONENTE

(Descrever as ações não financeiras que serão suportadas no projeto pela Instituição Proponente)

- Veículo da Universidade para os trabalhos da equipe no campo;
- Laboratórios aos quais estão vinculados os docentes e os discentes da equipe;
- Equipe de servidores técnicos-administrativos dos respectivos departamentos à disposição das demandas previstas em projetos aprovados;
- Apoio institucional da Pró-Reitoria de Extensão da UEL.

13.8 LISTAR OS MUNICÍPIOS ABRANGIDOS PELO PROJETO

Londrina

13.9 IDENTIFICAR RISCOS QUE PODERÃO PREJUDICAR O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO E SUGERIR PLANO DE CONTINGENCIAMENTO

Risco	Plano de Contingência
Não há	

14. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES SOBRE A INSTITUIÇÃO PROPONENTE.

HISTÓRICO INSTITUCIONAL

A Universidade Estadual de Londrina (UEL) foi criada pelo Decreto nº 18.110, de 28 de janeiro de 1970 com a junção de cinco Faculdades. O projeto inicial agregou em Departamentos, os vários professores e disciplinas dos Cursos ofertados na época em Departamentos congregando áreas afins, dentro do sistema de créditos então vigente. Os Departamentos afins, por sua vez, foram reunidos em Centros de Estudos. Iniciou suas atividades com um total de 13 cursos de graduação: História, Geografia, Letras Anglo-Portuguesas e Letras Franco-Portuguesas, Pedagogia, Ciências (1º Grau), Direito, Odontologia, Medicina, Farmácia e Bioquímica, Ciências Biomédicas, Ciências Econômicas e Administração. Provenientes da contribuição do alunado e do Governo do Estado. Em 1987 foi implantado o ensino gratuito no nível de graduação, sendo transformada em Autarquia pela Lei Estadual 9.663 de 16/07/91. Como autarquia a UEL tem autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial em política educacional, mas é dependente financeiramente do Governo Estadual, de onde se origina a maior parte dos recursos que asseguram sua operação e manutenção.

Quanto ao trabalho da equipe proponente com comunidades camponesas, a experiência remonta a 1999, momento em que o projeto de melhoramento genético participativo de sementes foi iniciado por dois membros da equipe (Rosângela Maria Pinto Moreira e Josué Ferreira Maldonado) em 1999 na região centro-sul do Paraná. Em 2006, Eliane Tomiasi Paulino juntou-se à proposta, momento em que o projeto foi implementado no norte do Paraná e que, a princípio, abarcou 4 comunidades do município de Londrina, a saber: Assentamento Pó de Serra, Bairro Oitenta Alqueires, Comunidade Guairacá e Água da Laranja Azeda. No ano de 2007 o trabalho foi estendido aos assentamentos União Camponesa, no Município de Tamarana e Florestan Fernandes, no Município de Florestópolis. No ano de 2008, mais três comunidades passaram a fazer parte do projeto: o Reassentamento de Crédito Fundiário Fazenda Akolá e a Comunidade Doze Tribos, do Município de Londrina e o Assentamento Libertação Camponesa, do Município de Ortigueira. Em 2009, mais uma comunidade integrou-se ao Projeto: Os produtores orgânicos da Apol, do município de Assai, momento em que foram dadas por encerradas a incorporação de novas comunidades, inclusive em vista da disseminação da tecnologia de milho transgênico Bt, o qual interfere na dinâmica de reprodução das espécies concorrentes. As roças cultivadas com outras sementes são convertidas em áreas de refúgio para as pragas que não sobrevivem à tecnologia Bt.

Em 2015 foram dados os primeiros passos para a constituição do sistema de Agricultura Apoiada pela Comunidade - CSA, mas que somente tomaram forma em 2016, com a organização dos grupos de produção, constituído por 30 mulheres agricultoras do Assentamento Eli Vive e do grupo de apoiadores, constituído por 40 pessoas da comunidade universitária da UEL.

A equipe viria a ser complementada com o ingresso de Estevan Leopoldo de Freitas Coca no quadro de docentes contratados da instituição, e que tem na criação de estratégias alternativas de comercialização da produção camponesa uma de suas principais linhas de pesquisa.

Em seu projeto de doutorado, ele tem estudado a compra institucional de alimentos produzidos por camponeses no Brasil e no Canadá, considerando como isso repercute na soberania alimentar desses países. Essa pesquisa recebeu financiamento da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entre agosto de 2013 e fevereiro de 2014 e da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (FAPESP), entre março de 2014 e outubro de 2014 e depois, entre novembro de 2015 e julho de 2016.

No período de novembro de 2014 a outubro de 2015, desenvolveu o projeto "Strategies for construction of food security and food sovereignty in Canada" (Estratégias para a construção da segurança alimentar e da soberania alimentar no Canadá), por meio de um estágio realizado no Institute for Resources, Environment and Sustainability (Instituto para os Recursos, o Meio Ambiente e a Sustentabilidade - IRES), da University of British Columbia (Universidade da Columbia Britânica - UBC), em Vancouver, no Canadá. O financiamento para esse projeto veio da FAPESP e dentre os temas analisados constou o papel da sociedade civil na constituição de CSA's.

Além disso, participa da equipe do projeto "Measuring Progress Towards Food Sovereignty: The effect of mediated markets on re-defining socio-ecological value in the food system" (Mensurando os progressos para a soberania alimentar: o efeito dos mercados mediados na redefinição do valor socio-ecológico no sistema alimentar), que tem sido desenvolvido por equipes da UBC e da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Resultados de todas as experiências empreendidas pela equipe deram origem a artigos acadêmicos publicados em periódicos no Brasil e no exterior.

15. PLANO DE TRABALHO DO PROJETO

Cronograma de Atividades

Descrição das Atividades			Indicador físico		Duração Prevista (meses)		% Ação no projeto	Total (R$)	% Financeiro
Nº	Ações	Etapa	Unidade	Qtde.	Início*	Término*			
1.	Promover junto às agricultoras familiares ações participativas com vistas à produção de alimentos frescos e saudáveis, e a produção e conservação de sementes próprias;	1.1 identificar realidades, possibilidades e potencialidades de envolvimento das agricultoras na proposta de produção de alimentos e conservação de sementes próprias.	Bolsas	72	01	12	50%	72.120,00	87%
		1.2 identificar o potencial agronômico de variedades comerciais e crioulas para sistemas de agricultura familiar, visando cultivares mais adaptadas para uso e produção de sementes próprias.	Levantamentos de campo	01	01	02			
		1.3 propor a produção de alimentos de forma participativa;	Reuniões com as mulheres	10	03	12			
		1.4 propor a produção e a conservação de sementes próprias de forma participativa	Reuniões com as mulheres	10	03	12			
2.	Promover a formação de agricultoras experimentadoras, com capacidade de avaliar e testar as alternativas tecnológicas que melhor se ajustem à suas realidades;	2.1 introduzir a discussão sobre manejo agroecológico como forma de diminuir a dependência de insumos agrícolas (sementes, adubos e controle de pragas e doenças)	Reuniões com as mulheres (Desembolso com compra de bioinsumos)	02	03	04	40%	8.700,00	11%
		2.2 Curso de capacitação sobre técnicas de controle de pragas e doenças no cultivo orgânico	Curso	02	03	04		1.680,00	2%
		2.3 Curso de capacitação sobre produção de biofertilizantes.	Curso	02	03	04			

SETI PTG Fl. 12 Rubrica

3	Fortalecer a comercialização solidária de produtos cultivados por mulheres camponesas	3.1 Ampliar o nº ero de mulheres camponesas cadastradas como fornecedoras dos alimentos entregues no projeto sacolas camponesas.	Compra de sacolas	200	01	03			
		3.2 Ampliar o número de consumidores dos produtos comercializados solidariamente.	Reuniões com apoiadores	03	01	03			
4.	Consolidar a articulação interdisciplinar no âmbito da extensão universitária para o enfrentamento de desafios oriundos do trabalho com os sujeitos do campo;	4.1 propiciar aos estudantes uma formação diferenciada, fundada na articulação entre teoria e prática, visando a capacitação para atender a realidade da produção camponesa.	Dias de orientação aos discentes	48	01	12	10%		
		4.2 Disseminações dos resultados em eventos regionais e nacionais	Publicações	4	11	12			
TOTAL							**100%**	**82.500,00**	**100%**

* Considerar **Mês 01** o primeiro mês da execução do projeto;
Por exemplo: Início do projeto= março/2016;
Duração prevista para execução da etapa 1.1 = 2 meses
Duração Prevista no Cronograma acima: **Início:** 01 e **Término:** 02.

Assinatura do Representante Legal da Instituição Proponente

Profª Drª Berenice Quinzani Jordão
Reitora

Assinatura do Coordenador do Projeto

SETI
PTG
Fl.: 18
Rubrica

SETI
PTG
Fl.: 19
Rubrica

16. DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO INSTITUCIONAL

TERMO DE COMPROMISSO

Na qualidade de representante legal do proponente, estou de acordo com a proposta apresentada e declaro, para todos os fins de direito, conhecer as normas ora fixadas pelo Fundo Paraná, assim como inexistir qualquer débito em mora ou situação de inadimplência com o Tesouro Nacional ou qualquer órgão ou entidade da Administração Pública Federal, Estadual e Municipal, que impeça a transferência de recursos oriundos do Fundo Paraná.

Assinatura do Representante Legal da Instituição Proponente

Profª Drª Berenice Quinzani Jordão
Reitora

Assinatura do Coordenador Técnico/Científico do Projeto da Instituição Proponente

Assinatura do Responsável Administrativo/Financeiro do Projeto da Instituição Proponente

Prof. Dr. Nilson Cesar Fraga
Pró-Reitor de Extensão, em exercício
e-mail: ncfraga@uel.br
UEL/PROEX

ANEXO 1 - PLANO DE APLICAÇÃO
QUADRO RESUMO
Unidade Gestora do Fundo Paraná - UGF

PARANÁ

TÍTULO DO PROJETO: Fomento a sistemas agroecológicos para inclusão tecnológica, produtiva e mercantil de mulheres camponesas
INSTITUIÇÃO PROPONENTE: Universidade Estadual de Londrina
COORDENADOR: Eliane Tomiasi Paulino

	Elementos de Despesa		UGF	%
1. Outras Despesas de Custeio	1.1. Diárias	3390.14.00	0	0%
	1.2. Passagens e despesas de locomoção	3390.33.00	0	0%
	1.3. Serviços de Consultoria	3390.35.00	0	0%
	1.4. Material de Consumo **NACIONAL**	3390.30.00	10.380	13%
	1.5. Material de Consumo **IMPORTADO/ USO CONTROLADO**	3390.30.00	0	0%
	1.6. Serviços de Terceiros - Pessoa Física	3390.36.00	0	0%
	1.7. Bolsas	3390.18.00	72.120	87%
	1.7.1 Auxílio Financeiro - Bolsas	3390.18.00	0	0%
	1.8. Serviços de Terceiros - Pessoa Jurídica	3390.39.00	0	0%
		Subtotal Custeio	82.500	100%
2. Investimentos	2.1. Equipamentos e Material Permanente **NACIONAL**	4490.52.00	0	0%
	2.2. Equipamentos e Material Permanente **IMPORTADO**	4490.52.00	0	0%
	2.3. Obras e Instalações	4490.51.00	0	0%
		Subtotal Investimentos	0	0%
		Total Geral	82.500	100%

Atender ao disposto no ATO ADMINISTRATIVO N° 01/15/UGF de 27/05/2015 , disponível em: www.seti.pr.gov.br/fundoparaná/atosadministrativos.

1. Assinatura do Representante Legal da Instituição Proponente

Profª Drª Berenice Quinzani Jordão
Reitora

2. Assinatura do Coordenador Técnico do Projeto

SEI
Fl. 28

ANEXO 1 - PLANO DE APLICAÇÃO
1. OUTRAS DESPESAS DE CUSTEIO
Unidade Gestora do Fundo Paraná - UGF

PARANÁ

1.4. CUSTEIO - Material de Consumo - Nacional

Subelementos de Despesa	Ação Nº	Etapa Nº	Descrição	Instituição	Valor Unitário (R$)	Valor Qtde	Subtotal
33903031	1,2,3,4	2.1, 2.2, 2.3, 3.1	Insumos para fertilização: calcário calcítico, base para calda bordalesa, farinha de osso e outros	UEL	6.780	1	6.780
33903000	4	4.1	Sacolas do tipo feira	UEL	200	18	3.600
							0
							0
							0
							0
							0
							0
							0
							0
							0
							0
							0
							0
							0
							0
							0
							0
							0
							0
					TOTAL		10.380

1. Assinatura do Representante Legal da Instituição Proponente

Berenice Quinzani Jordan

Profª Drª Berenice Quinzani Jordan
Reitora

2. Assinatura do Coordenador Técnico do Projeto

SETI
PTG
Fl.: 24
Rubrica

ANEXO 1 - PLANO DE APLICAÇÃO
1. OUTRAS DESPESAS DE CUSTEIO
Unidade Gestora do Fundo Paraná - UGF

PARANÁ

1.7. CUSTEIO - Bolsas

Subelementos de Despesa	Ação Nº	Etapa Nº	Categoria da Bolsa	Instituição	Valor Unitário (R$)	Qtde (Meses)	Subtotal
33901803	1 a 3	1.1 a 3.2	Orientador	UEL	1.030	12	12.360
33901803	1 a 3	1.1 a 3.2	Recém formado	UEL	2.000	12	24.000
33901803	1 a 3	1.1 a 3.2	Estudantes de graduação (4)	UEL	745	48	35.760
							0
							0
							0
							0
							0
						TOTAL	72.120

** em conformidade com os valores do Ato Administrativo Nº 01/15 - UGF.*

1.7.1. CUSTEIO - Auxílio Financeiro/Bolsas

Subelementos de Despesa	Ação Nº	Etapa Nº	Categoria da Bolsa	Instituição	Valor Unitário (R$)	Qtde (Deslocamentos)	Subtotal
							0
							0
							0
							0
							0
							0
							0
							0
						TOTAL	0

1. Assinatura do Representante Legal da Instituição Proponente

Profª Drª Berenice Quinzani Jordão
Reitora

2. Assinatura do Coordenador Técnico do Projeto

PTC
Fls: 202

ANEXO 1 - PLANO DE APLICAÇÃO

CRONOGRAMA DE DESEMBOLSO

Unidade Gestora do Fundo Paraná - UGF

PARANÁ

ELEMENTOS DE DESPESA		VALOR PROJETO	*MÊS (ANO 1) 01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	TOTAL	SALDO
3390.1400	Diárias	0													0	0
3390.3300	Passagens	0													0	0
3390.3500	Consultoria	0													0	0
3390.3000	Mat. Consumo NACIONAL	10.380	10.380												10.380	0
3390.3000	Mat. Consumo IMPORTADO	0													0	0
3390.3600	ST Pessoa Física	0													0	0
3390.1800	Bolsas	72.120	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	72.120	0
	Auxílio Financeiro	0													0	0
3390.3900	ST Pessoa Jurídica	0													0	0
4490.5200	Equipamentos e Mat. Permanente NACIONAL	0													0	0
4490.5200	Equipamentos e Mat. Permanente IMPORTADO	0													0	0
4490.5100	Obras e Instalações	0													0	0
	TOTAL:	82.500	16.390	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	6.010	82.500	0

** Entende-se por mês 1 (um) o mês de início das atividades do projeto.*

*** Definir valores a serem liberados mensalmente ao Projeto (em amarelo)*

1. Assinatura do Representante Legal da Instituição Proponente

2. Assinatura do Coordenador Técnico do Projeto

Profª Drª Berenice Quinzani Jordão
Reitora

SETI
PTG
Fl.: 23
Rubrica